

A AUTONOMIA NO DESENVOLVIMENTO DA HABILIDADE ORAL EM LÍNGUA INGLESA

AUTONOMY IN THE DEVELOPMENT OF ORAL SKILLS IN ENGLISH LANGUAGE

DÉBORA COUTINHO DA SILVA (UNEB)¹
KEILA MENDES DOS SANTOS (UNEB)²

Resumo:

Este trabalho discorre sobre a autonomia de graduandos de Letras Língua Inglesa e teve como objetivo analisar o papel que a autonomia desempenha no desenvolvimento da habilidade oral e na formação dos futuros docentes, de maneira a contribuir positivamente com o aprendizado de língua inglesa (LI), tendo em vista o conceito de autonomia conforme Paiva (2006), associado à diversos contextos de independência, e neste caso, sendo o estudante o principal protagonista de sua aprendizagem. Considerando a importância de se compreender as diferentes variáveis que influenciam a autonomia dos estudantes ao se expressar oralmente na referida língua, este estudo partiu do seguinte questionamento: como a autonomia pode influenciar no processo de desenvolvimento da habilidade oral em língua inglesa? A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, com delineamento de estudo de caso. Como instrumentos de coleta de dados, foram utilizados questionários e narrativas. Os dados coletados foram interpretados seguindo os princípios da análise de conteúdo, em consonância com o embasamento teórico da pesquisa, pautado em conceitos centrais como autonomia (Paiva, 2006; Simas, Couto, Souza, 2021; Nicolaides, 2003), fluência (Belém, 2012) e estratégias para desenvolvimento da oralidade (Teixeira, 2017). A análise contribuiu para a compreensão das percepções dos graduandos sobre o processo de aprendizagem autônoma da oralidade em língua inglesa, evidenciando os desafios, fatores interligados à motivação e as estratégias utilizadas por eles para a construção de sua autonomia. O estudo apontou que o desenvolvimento da autonomia é um processo desafiador, mas gratificante. Ao adotar estratégias adequadas, o estudante pode se tornar um aprendiz mais autorresponsável, confiante e proficiente na comunicação oral em inglês. Os resultados desta pesquisa mostraram-se relevantes para aprendizes de inglês, professores em formação e docentes em exercício, pois apontam caminhos para lidar com os obstáculos da aprendizagem de uma segunda língua, com ênfase na expressão oral em LI.

Palavras-chave: Aprendizagem da habilidade oral. Autonomia. Língua inglesa.

¹ Graduada em Letras Língua Inglesa e Literaturas - UNEB. Pós-graduanda em Educação de Jovens e Adultos e Neuropsicopedagogia Clínica e Institucional - UNINTER. Dehcuto1@gmail.com

² Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Doutora em Educação. kmendes@uneb.br

Abstract:

This study addresses undergraduate students' autonomy and aims to analyze the role autonomy plays in the development of oral skills and teacher training, contributing to English language learning, considering the concept of autonomy according to Paiva (2006) associated with various contexts of independence, and in this case, with the student being the main protagonist of their learning. Considering the importance of understanding the different variables that influence students' autonomy in expressing themselves orally in the English language, this study was based on the following question: How can autonomy influence the process of developing oral skills in English? This is a qualitative research with a case study design. Questionnaires and narratives were used as data collection instruments. The collected data were interpreted according to the principles of content analysis, in dialogue with the theoretical framework of the research, which is based on central concepts such as autonomy (Paiva, 2006; Simas, Couto, Souza, 2021; Nicolaides, 2003), fluency (Belém, 2012), and strategies for developing oral skills (Teixeira, 2017). The analysis revealed undergraduates' perceptions of the process of autonomously learning oral English skills, highlighting the challenges and strategies they used to build autonomy. The study showed that developing autonomy is a challenging but rewarding process. By adopting appropriate strategies, students can become more self-responsible, confident, and proficient in oral communication in English. The results of this research are relevant to English learners, pre-service teachers, and practicing teachers, as they point to ways to overcome the obstacles of learning a second language, with an emphasis on oral expression in a foreign language.

Keywords: Learning oral skills. Autonomy. English language.

INTRODUÇÃO

Aprender um novo idioma é um processo desafiador que demanda do estudante foco, determinação e objetividade. Ao tratarmos da língua inglesa (LI) e seu papel na conexão entre pessoas mundialmente, este processo engloba ainda outros aspectos que corroboram para o êxito ou o insucesso no desenvolvimento das habilidades linguísticas (Simas; Couto; Souza, 2021). Para que se chegue a um resultado satisfatório e eficiente é necessário autonomia, por parte do aprendiz, para buscar recursos e formas de contato com o idioma que extrapolem o contexto da sala de aula. Essa ação se faz necessária, pois o tempo reservado para o estudo da LI nas instituições de ensino formais é limitado, não sendo suficiente para o desenvolvimento significativo das quatro habilidades, a saber: ler, ouvir, falar e escrever.

Para discutirmos autonomia como proposta de tema principal deste estudo, é essencial destacar, primeiramente, o conceito no qual nos pautamos. Segundo Paiva (2006), autonomia está associada a contextos diversos de independência, que podem ou não estar relacionados ao espaço da sala de aula, sendo o estudante o protagonista de suas decisões, escolhas e

condução da aprendizagem. Por se tratar de conceito complexo, não há uma definição singular para o termo. Neste sentido, ao considerarmos o contexto educacional, partimos da percepção de que ser autônomo vai além de ações que acontecem em sala de aula, envolvendo posturas e atitudes desenvolvidas pelo próprio estudante, de maneira que se sinta motivado, assumindo um papel ativo e responsável em seu processo de construção de saberes (Paiva, 2006).

Associar autonomia e ensino de línguas é pertinente, pois, aprender inglês na condição de Língua Estrangeira (LE), é um percurso envolto em muitas indagações, principalmente quando se trata de compreender como ocorre o desenvolvimento linguístico, no intuito de tornar esse processo menos árduo e mais eficaz. Assim, é importante que o aprendiz reflita sobre o papel a ser desempenhado por ele, estando ciente da responsabilidade e dedicação que o estudo de algo novo requer, uma vez que a autonomia é um dos principais fatores que estimula o aluno a buscar meios possíveis de desenvolver e acelerar o seu aprendizado (Simas; Couto; Souza, 2021).

Pautada nestas ponderações, esta pesquisa aborda a autonomia de graduandos do curso de Letras Língua Inglesa de uma universidade estadual no interior da Bahia, frente ao desenvolvimento da habilidade oral em LI. A escolha do referido público é relevante, pois, ao adquirir uma certificação na conclusão da licenciatura em Letras Língua Inglesa, espera-se que o graduado disponha de conhecimentos das quatro habilidades da língua, sobretudo no que diz respeito à proficiência na competência comunicativa, ou seja, nas suas habilidades de se comunicar e interagir oralmente utilizando o idioma que irá ensinar (Vilaça, 2010).

A problemática norteadora pauta-se no seguinte questionamento: como a autonomia pode influenciar no processo de desenvolvimento da habilidade oral em língua inglesa? O objetivo principal foi analisar o papel que a autonomia desempenha no desenvolvimento da habilidade oral e na formação dos futuros docentes, de maneira que possa contribuir positivamente para o aprendizado de língua inglesa. O interesse por essa temática surgiu ao presenciar dificuldades de graduandos do curso de Letras Língua Inglesa em se expressar oralmente no referido idioma, o que também representava um desafio para uma das pesquisadoras deste estudo no início da graduação.

Como contribuições para o âmbito do estudo de línguas, pretendemos mostrar a relevância do tema para a área da pesquisa em Linguística Aplicada, colaborar com outros estudantes na obtenção de sucesso no desenvolvimento da oralidade em LI, bem como nortear professores que almejam cooperar positivamente na motivação de seus alunos para a construção de seu conhecimento.

É fundamental destacar a relevância do professor neste processo, pois, embora o aprendiz possua autonomia e liberdade na busca e seleção dos caminhos mais adequados para a progressão do seu aprendizado, a função do docente não será eliminada, uma vez que ele representa um importante referencial para proporcionar condições em que o educando desenvolva sua criticidade e reflita sobre suas escolhas e ações (Freire, 2019 *apud* Simas; Couto; Souza, 2021). Isto porque, ser autônomo não é sinônimo de aprender sozinho, é preciso que haja interação entre estudantes e destes com o professor, em um movimento dialógico de troca de experiências. Na sequência, apresentaremos o referencial teórico basilar do estudo e considerações mais aprofundadas sobre o conceito de autonomia.

AUTONOMIA E DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE EM LI

Ao se estudar um novo idioma, é de suma relevância buscar formas de manter o contato com ele e praticá-lo em situações diversas para elevar o nível dos seus conhecimentos. Quando tratamos das práticas relacionadas à oralidade em língua inglesa, estudos mostram que esta é a habilidade mais desafiadora aos estudantes, o que requer tempo e dedicação para se alcançar resultados significativos (Belém, 2012).

Embora no contexto atual haja uma diversidade de recursos tecnológicos disponíveis, sendo comum as propagandas de cursos com promessas de resultados rápidos e metodologias eficientes, Vilaça (2010, p. 44) ressalta que “não há fórmulas mágicas ou métodos infalíveis que consigam garantir o sucesso na aprendizagem”. O sucesso começa quando o aluno decide se responsabilizar pelo seu aprendizado e buscar estratégias que possam contribuir com a diminuição das dificuldades que o impede de chegar a um resultado eficiente. Ou seja, por melhores que sejam métodos e recursos, é a postura adotada pelo aprendiz e sua autonomia e responsabilização pela sua aprendizagem que irão, de fato, influenciar em seus resultados.

Ao tratarem da autonomia ao longo do processo de aprendizagem de uma nova língua, Salbego e Tumolo (2014, p. 1824), destacam que a autonomia “[...] consiste essencialmente numa atitude tomada pelo indivíduo, com ações e iniciativas que fomentam a aprendizagem e o desenvolvimento das quatro habilidades linguísticas em Inglês”. Em consonância com estes autores, Nicolaides (2003) apresenta algumas características associadas ao perfil de um aprendiz autônomo, sendo elas: a) saber traçar suas metas; b) entender sua responsabilidade pela busca de sua própria aprendizagem e definir formas de desenvolver suas habilidades para ir em busca de seus conhecimentos. Ao observarmos estas características, podemos afirmar que a autonomia é um aspecto relevante quando se trata de aprender um novo idioma, fazendo com que o estudante não se limite apenas à sala de aula, mas que também busque outras formas de ampliar seus saberes.

Assim como a autonomia do aprendiz é relevante, o docente também desempenha papel significativo na construção dos conhecimentos linguísticos. Isto porque, segundo Paiva (2006) e Marzari; Kader (2014), o processo de desenvolvimento da autonomia envolve diversos fatores e, embora ela represente uma característica inata ao ser humano, também pode ser estimulada ou reprimida através de condições externas ou internas, cabendo ao professor encorajar os alunos a buscar práticas e recursos que melhor atendam suas necessidades de aprendizagem. Ao adotar esta postura, o professor deixa de ser o detentor de informações e passa a ser um mediador do conhecimento, em uma relação de colaboração e troca de experiências.

De acordo com Simas; Couto; Souza, (2021, p. 116), autonomia e motivação estão intimamente associadas, visto que o discente precisa ter um motivo e um objetivo que desperte o interesse em aprender algo novo. Conforme destacado pelos autores, “ninguém aprende apenas por aprender”. Assim, o estudante precisa ter em mente suas motivações para aprender a língua inglesa, o que o auxiliará a se manter focado e dedicado em seu processo. Contudo, percebe-se que esses objetivos nem sempre são evidenciados ou considerados, uma vez que é recorrente, principalmente na educação básica, os alunos questionarem o porquê de aprender inglês se não pretendem sair do país. Ou seja, no que se refere à LI, enquanto o que estiverem estudando não fizer sentido, ou encontrar espaço de uso na realidade dos alunos, estes não se sentirão motivados a dedicar tempo ao aprendizado de maneira autônoma,

limitando-se às obrigações das atividades escolares. À vista disso, autonomia e motivação devem estar sempre interligadas, pois os fatores motivacionais que corroboram para o esforço e o empenho do aluno são as razões que os mantêm dedicados ao aprendizado.

Quando nos referimos ao desenvolvimento da fala, motivação e autonomia tornam-se ainda mais relevantes, pois a comunicação oral envolve elementos como exposição, timidez, medo de errar e julgamento pelos pares e, em alguns casos, a frustração de não alcançar a fluência desejada rapidamente. Frente a estes desafios, Teixeira (2017) sugere algumas estratégias para o aprimoramento da habilidade oral considerando três elementos: objetivo, contexto e perfil do falante. A autora destaca que ao nos comunicarmos é preciso ter em mente os objetivos da interação social, já que cada contexto e perfil de falante irá demandar vocabulário, postura e entonação específicas. É a partir da percepção destas particularidades que o aluno passa a refletir sobre sua oralidade e se conscientiza dos recursos que são requisitados na prática oral. Outra pontuação da autora quanto à prática oral está ligada ao incentivo do professor. Para Teixeira (2017) é papel do docente aconselhar positivamente e ajudar o aprendiz a identificar suas fragilidades, auxiliando com estratégias que o torne mais autônomo e contribua para o alcance da fluência.

Belém (2012, p. 33) destaca que “a fluência só pode ser adquirida com a prática da língua”, ressaltando que para entender e interagir utilizando o idioma que está aprendendo, não é necessário que domine perfeitamente todas as competências linguísticas (Celce-Murcia; Olshtain, 2000 *apud* Belém, 2012). Na perspectiva deste autor, para se ter uma boa comunicação, além da prática constante, é importante que o aprendiz tente se articular sem medo de errar e sem hesitações, para que assim haja uma comunicação livre e espontânea.

Há inúmeras atitudes autônomas que podem contribuir para o aperfeiçoamento da habilidade oral dos estudantes. Adotar determinadas posturas é relevante porque “em vez de, passivamente, aceitarem as limitações curriculares das escolas, eles desenvolvem suas próprias estratégias, exercem sua autonomia e tornam-se autores de suas próprias histórias de aprendizagem” (Paiva, 2006, p. 121). Muitas vezes, a habilidade oral é uma competência pouco trabalhada na sala de aula de língua inglesa e a falta de contato com o idioma fora deste espaço acaba por dificultar ou até impedir o seu desenvolvimento, tendo em vista que

para se alcançar uma boa comunicação oral é preciso prática, afinal, só se fala falando (Belém, 2012).

Podemos tomar como exemplo de estratégias o uso dos recursos tecnológicos, nos quais o aprendiz tem a oportunidade de escolher qual o método que melhor se identifica para estudar no seu próprio ritmo. Filmes, séries, documentários, *podcasts*, aplicativos e vídeos na *internet*, fazem parte de uma diversidade de opções de instrumentos que podem ser utilizados a favor de uma aprendizagem autônoma.

Ademais, é possível contar com outros mecanismos que podem contribuir para a construção de um conhecimento que não se limite à sala de aula: aplicativos de conversação, cursos *online*, leitura de textos sobre temáticas variadas, são alguns dos caminhos que podem auxiliar o estudante em seu percurso ao proporcionar uma aprendizagem, prazerosa e que o motive ao exercício constante da língua.

METODOLOGIA

Com base na problemática desta investigação que é: como a autonomia pode influenciar no processo de desenvolvimento da habilidade oral em língua inglesa? E considerando o objetivo geral que consiste em analisar o papel que a autonomia desempenha no desenvolvimento da habilidade oral e na formação de futuros docentes de língua inglesa, o presente trabalho trata-se de um estudo de caso de natureza qualitativa (Godoy, 1995).

Os participantes foram 06 (seis) discentes do curso de Letras Língua Inglesa de uma Universidade Estadual no interior da Bahia, em fase de conclusão do curso, que foram identificados no estudo com nomes fictícios sob sua escolha.

Os instrumentos utilizados para geração de dados foram questionário misto e uma narrativa de aprendizagem. O questionário aplicado teve o intuito de conhecer as perspectivas dos pesquisados acerca da autonomia na aprendizagem de língua inglesa e as narrativas tiveram como foco conhecer como a adoção de práticas autônomas, na aprendizagem da oralidade em LI, ocorre na rotina de estudo dos participantes.

Os dados foram analisados com base na análise de conteúdo de Bardin (2016) e Chizzotti (2018) partindo de três categorias de análise: atitudes autônomas na aprendizagem

da habilidade oral; motivação na construção da autonomia e recursos utilizados para desenvolvimento da oralidade. Na sequência, passaremos à análise e discussão dos dados associados a cada uma das categorias.

Atitudes autônomas na aprendizagem da habilidade oral

No que se refere ao desenvolvimento da oralidade em LI, Belém (2012) aponta que, dentre as quatro competências linguísticas a serem abordadas quando estamos aprendendo uma língua estrangeira, a fala se destaca como a que mais exige dedicação por parte do aprendiz. Ao longo da realização deste estudo alguns dos participantes destacaram essas dificuldades. A participante Laura Fernandes, por exemplo, informou que às vezes, quando vai se comunicar com alguém, se sente travada. Já, Marraia, por sua vez, relatou que sente algumas limitações em seu repertório linguístico que ainda está bem reduzido, dificultando uma interação mais consistente.

É válido pontuar que mesmo que a autonomia proporcione ao aluno condições satisfatórias para uma aprendizagem mais eficiente, existem inúmeros aspectos a serem considerados que podem influenciar nas barreiras enfrentadas pelos aprendizes de LI no aprimoramento da habilidade oral, como por exemplo, desmotivação, falta de tempo, fatores emocionais, insegurança, entre outros. No que concerne às percepções dos participantes sobre o papel da autonomia no processo de desenvolvimento oral em língua inglesa, estes reafirmaram a importância dos estudos autônomos, exemplificando com algumas posturas que adotam em suas práticas. As participantes Laura e Clara afirmaram terem obtido melhores resultados para se comunicar ao buscarem informações sobre a língua inglesa por conta própria, conforme destacado nos excertos abaixo.

A autonomia é importante em qualquer processo de aprendizagem (...). Percebo que obtive bons resultados no processo de aprendizagem sempre que busquei conhecimentos de inglês por conta própria (...) (Laura Fernandes, em resposta ao questionário).

Buscar recursos fora do contexto da sala de aula é primordial para a aprendizagem de LI. A partir do momento que comecei a utilizar aplicativos de conversação minha habilidade oral melhorou 80% (Clara, em resposta ao questionário).

Nota-se, assim, que o estabelecimento do contato com a língua fora do contexto da sala de aula permite ao aprendiz resultados mais eficientes na habilidade que almeja aprimorar. Nesse viés, “a autonomia surge como uma ferramenta própria de busca de saberes, que vão muito além da sala de aula e que são necessários à formação do aluno como ser social” (Marzari; Kader, 2014, p. 122). A partir disso, um mundo de possibilidades é propiciado ao estudante, capaz de promover diversos benefícios que se estendem ao domínio da língua, garantindo mais imersão e naturalidade no aprendizado. No questionário, os participantes evidenciaram estas afirmações ao declararem que o contato com a língua inglesa apenas na universidade não é suficiente quando se deseja buscar melhorias nas habilidades de fala.

(...) somente o contato com a sala de aula não é suficiente, uma vez que o que se aprende lá é muito superficial. O aluno tem sempre que buscar outras alternativas (Marraia, em resposta ao questionário).

(...) só o momento em que estamos no contexto da sala de aula não é suficiente para alcançarmos uma boa comunicação oral, precisamos ter um contato maior com a língua, buscar outras formas para potencializar nossa aprendizagem e ter uma boa comunicação oral (Sol Prado, em resposta ao questionário).

A língua inglesa assim como nossa língua materna depende de muita prática e tem particularidades que só encontramos se pesquisarmos e praticarmos fora da sala de aula, já que muitas vezes não há tempo suficiente para ver tudo (Klaus Baudelaire, em resposta ao questionário).

Os participantes deixaram explícito em suas falas a necessidade de consolidar uma dedicação aos estudos fora do contexto da sala de aula para que a aprendizagem da língua inglesa se torne eficaz. Simas, Couto e Souza (2021) ratificam estes posicionamentos ao salientarem que é essencial o aprendiz manter o contato diário com a língua, nem que seja por pouco tempo, a fim de que possa se habituar ao idioma de forma internalizada. Entretanto, é crucial enfatizar, assim como aponta Nicolaidis (2003), que a falta de tempo do aluno muitas vezes é vista como uma limitação quando se fala em definir objetivos no aprendizado.

Em relação a fatores que podem influenciar positiva ou negativamente na autonomia e, conseqüentemente, no aprendizado da língua inglesa, cabe destacar algumas reflexões propostas por Paiva (2006) ao citar alguns aspectos que podem interferir neste caminho

como: personalidade, capacidade, habilidade, cultura, crenças, idade, responsabilidade, confiança, liberdade e motivação, aspecto que será abordado na próxima categoria.

Motivação na construção da autonomia

O uso de práticas autônomas na aprendizagem de uma língua pode contribuir para que a jornada seja empolgante, mas também desafiadora. Por isso, é primordial que o aprendiz entenda seus propulsores internos para que possa se sentir motivado e assim traçar um caminho envolvente e personalizado de acordo com suas próprias estratégias. Conforme Simas, Couto e Souza (2021) a motivação representa um fator afetivo fundamental quando se está aprendendo uma língua, sendo que as ações do aprendiz são direcionadas por estímulos motivadores. Diante disso, com o intuito de compreender como a autonomia pode ser construída, foi questionado aos participantes que afirmaram estudar inglês fora da universidade, de que forma foram motivados a desenvolver esta prática autônoma. As respostas obtidas mostraram que a motivação resultou da vontade própria em conquistar um progresso no aprendizado e da necessidade em aprimorar as habilidades linguísticas da língua. Podemos constatar esses dados nos fragmentos seguintes.

A motivação para meus estudos fora da universidade vem do desejo de aprimorar cada vez mais a minha prática com o idioma e a necessidade que sinto ao adquirir novos conhecimentos e ter desenvoltura na comunicação (Sol Prado, em resposta ao questionário).

(...) fui motivada pela vontade de aprender, pelo prazer em consumir conteúdos que eu gosto (Laura Fernandes, em resposta ao questionário).

(...) eu percebi que somente o que era passado nas aulas não era suficiente para alavancar meu aprendizado com o idioma. Então busquei alternativas que me ajudassem a progredir mais (Marraia, em resposta ao questionário).

Na verdade, assim que comecei a graduação tive a oportunidade de trabalhar como professora de LI. No início enfrentei muitos desafios, e tive que começar a fazer um curso online para eu ter mais segurança em sala de aula (Clara, em resposta ao questionário).

Considerando que a motivação é um processo complexo influenciado por diversos fatores e que pode ser desenvolvida ao longo do tempo, Simas, Couto e Souza (2021) mencionam os fatores internos e externos como influências significativas no engajamento em

atividades diversas. Os fatores internos, segundo as autoras, surgem da intenção de alcançar metas pessoais. Já os fatores externos sucedem do desejo de tornar-se bem sucedido através de recompensas externas. Nos excertos acima, pode-se destacar explicitamente exemplos de como esses fatores interferiram na motivação para a construção da autonomia. Clara por exemplo, argumentou que pelo fato de ter tido uma oportunidade de trabalho como professora de LI, teve que começar a fazer um curso *online* para obter mais segurança ao ministrar suas aulas. Desse modo, podemos identificar o caso de Clara como um fator de motivação externa, já que partiu de seu desejo em obter sucesso profissional. Laura Fernandes conta que foi motivada a desenvolver a autonomia por sua vontade de aprender a língua e pelo prazer em consumir conteúdos que ela gosta, sendo assim, influenciada por fatores internos, devido ao impulso que veio de si própria em buscar conhecimentos para atingir seu desejo pessoal.

Paiva (2006), ao relacionar a aprendizagem autônoma com fatores motivacionais, ressalta a influência do professor no desempenho da autonomia. Esta perspectiva é salientada na resposta de Sol Prado, ao ser questionada sobre como a autonomia pode ser construída no aprendiz. Em resposta, a participante destacou o papel do docente como um meio de incentivo para o aluno. A observação de Sol demonstra que a autonomia pode ser também conquistada e adquirida através de diversas condições, inclusive na sala de aula pelo professor, não sendo algo exclusivamente inerente ao aprendiz.

Em suma, para o desenvolvimento da autonomia, o que o aluno precisa é ter um motivo para aprender, através de incentivos que o possibilite assumir o controle do seu próprio aprendizado, acreditando em seu potencial. Ademais, assim como afirma Belém (2021), explorar estratégias de estudo representa uma das ferramentas essenciais para a construção de uma aprendizagem autônoma que possa ir além dos recursos utilizados em sala de aula. Diante do exposto, na última categoria tratamos dos recursos utilizados para desenvolvimento da oralidade em LI.

Recursos utilizados para desenvolvimento da oralidade

Teixeira (2017) defende o uso de estratégias de aprendizagem como um caminho fundamental para o sucesso no aprendizado da língua inglesa, de modo que os aprendizes possam assumir o controle de seu aprendizado, definindo seus objetivos e escolhendo os

recursos mais adequados para a condução de seu progresso. Nesta mesma ótica, Paiva (2006) aponta a utilização das tecnologias digitais como estratégias eficientes para a manutenção de uma aprendizagem autônoma. Os relatos dos participantes condizem com as ponderações da autora ao afirmarem que as tecnologias digitais são os principais recursos utilizados para o aprimoramento da habilidade oral.

Os recursos que uso para desenvolver a habilidade oral são Google tradutor, músicas e séries (...) acho que esses recursos ajudam muito no processo de aprendizagem de LI, principalmente no desenvolvimento da oralidade, pois são recursos simples que nem parece que se está estudando (Marraia, em resposta à narrativa de aprendizagem).

(...) Há muitas possibilidades hoje em dia que nos oferecem um ensino gratuito, para isso busco o auxílio do Youtube, assisto vídeos e podcast que me ajudam muito nessa aprendizagem (Maria Helena, em resposta à narrativa de aprendizagem).

Assisto bastante *livestreams* de criadores que se comunicam em língua inglesa para que eu possa perceber suas variações linguísticas e sotaques (Klaus Baudelaire, em resposta à narrativa de aprendizagem).

Os recursos que costumo utilizar para desenvolver a minha habilidade oral e praticá-la são aplicativos como o Duolingo, o app do professor Kenny, o *simpler*, entre outros (...) quando tenho dúvidas em algumas pronúncias costumo pesquisar no google tradutor ou no *linguee*, dicionário online (Sol Prado, em resposta à narrativa de aprendizagem).

Para a minha aprendizagem de LI, precisei utilizar vários recursos para desenvolver a habilidade oral (...) por isso, comecei a fazer parte de grupos de conversação online, escutar podcasts em inglês, fazer o uso de aplicativos de idiomas que oferecem exercícios de conversação e assistir vídeos ou filmes em inglês (...) (Clara, em resposta à narrativa de aprendizagem).

A habilidade oral sempre foi a que eu mais almejei e, para atingir esse objetivo, procurei ouvir mais músicas, me “arrisquei” em assistir meus filmes favoritos em inglês, procurei consumir mais conteúdos de youtubers no idioma (Laura Fernandes, em resposta à narrativa de aprendizagem).

Frente ao exposto, como afirma Paiva (2006), é perceptível o quanto a tecnologia digital está democratizando o acesso ao conhecimento e abrindo portas para um aprendizado mais dinâmico e interativo. Considerando a prática autônoma de estudos de inglês com o uso de recursos diversos, quando perguntados se conseguiram notar algum avanço no que diz respeito à habilidade oral em relação ao início da graduação, os participantes apresentaram as seguintes respostas:

Usar recursos fora do ambiente da sala de aula foi um meio que contribuiu muito para a minha aprendizagem e continua fazendo com que eu siga aperfeiçoando e aprendendo cada dia um pouco mais (Sol Prado, em resposta à narrativa de aprendizagem).

(...) posso afirmar que olho para trás desde o início do curso até o presente momento e consigo enxergar um avanço em relação a minha fala/ comunicação (Marraia, em resposta à narrativa de aprendizagem).

Atualmente, percebo que melhorei bastante a minha pronúncia das palavras e peguei pequenos “macetes” para pronunciar corretamente, justamente em meus estudos individuais (...) (Laura Fernandes, em resposta à narrativa de aprendizagem).

(...) Tenho percebido uma melhoria significativa na minha confiança e fluência ao praticar conversação em situações do dia a dia. Ademais, recursos fora da sala de aula têm complementado meu aprendizado formal, proporcionando uma abordagem mais prática e contextualizada do idioma (Clara, em resposta à narrativa de aprendizagem).

A participante Maria Helena, embora tenha alegado anteriormente buscar auxílio no Youtube e assistir a vídeos para o desenvolvimento de sua oralidade, afirmou não obter avanço devido ao fato de que, quando começa a utilizar algum aplicativo se sente animada, entretanto, acaba deixando a prática de lado passando dias sem fazer o uso. A esse respeito, Simas, Couto e Souza (2021, p. 122) pontuam que “(...) a intensidade com que o aprendiz estuda a língua pode fazer diferença na rapidez e eficiência que irá alcançar a fluência. Quanto mais o aprendiz se dedica, maiores são suas chances de aprender”. Além disso, cabe destacar a pertinência da definição de objetivos na aprendizagem, que não apenas influencia na motivação, como também no delineamento de caminhos a serem traçados. Desse modo, nota-se que a constância e uso apropriado das tecnologias digitais como recursos de aprendizagem, proporciona ao estudante mais consciência, autonomia e, conseqüentemente, um aprendizado bem sucedido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No mundo globalizado atual a proficiência em inglês se tornou uma habilidade essencial para o sucesso pessoal e profissional. Diante desse contexto, a autonomia na aprendizagem da oralidade em língua inglesa emerge como um elemento fundamental para o

desenvolvimento de aprendizes engajados e responsáveis, capazes de alcançar suas metas de forma eficiente.

Ao longo deste estudo tratamos da autonomia na aprendizagem da oralidade em língua inglesa vivenciada por graduandos, destacando desafios, motivações, estratégias e os contextos que moldam a jornada de cada estudante.

As categorias de análise estabelecidas evidenciaram que a competência oral exige maior engajamento e dedicação, por isso os graduandos enfrentam muitos desafios ao desenvolvê-la. A autonomia representou um aspecto importante no sucesso do aprendiz, levando-o a se engajar na busca de métodos e técnicas de estudos em contexto extra classe, proporcionando melhores resultados.

Além disso, foi possível perceber que os recursos tecnológicos são suportes significativos nas práticas de estudos autônomas, principalmente no que concerne ao aprendizado de língua inglesa e as possibilidades distintas de interação com falantes do idioma que os referidos recursos podem proporcionar. Com base na análise dos dados obtidos, os resultados deste estudo comprovaram que a autonomia se configura como um componente essencial, capaz de influenciar o estudante a desenvolver habilidades de maneira mais eficaz, uma vez que atitudes autônomas, além de estimularem o desenvolvimento das habilidades de comunicação, abrangem criatividade, flexibilidade e a autoconfiança.

Por fim, é pertinente ressaltar as contribuições desta pesquisa para o âmbito do ensino de língua inglesa, uma vez que pode auxiliar docentes e discentes a compreender algumas das dificuldades que surjam ao longo do processo de ensino / aprendizagem. Além disso, abre caminhos para futuras investigações que explorem a autonomia em diferentes contextos ao tempo em que desmitifica o pensamento de que a habilidade oral é uma competência que só pode ser desenvolvida e aprimorada estabelecendo contato exclusivamente com falantes nativos, ou viajando para países onde se tem a língua inglesa como idioma oficial.

REFERÊNCIAS:

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BELÉM, Breno de Campos. **Estratégias de aprendizagem e autonomia na produção oral dos alunos de licenciatura intensiva em inglês**. Belém-PA: Universidade Federal do Pará (UFPA), 2012.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. Cortez editora, 2018.

NICOLAIDES, Christine Siqueira. **A busca da aprendizagem autônoma de língua estrangeira no contexto acadêmico**. 2003. Tese (Doutorado) – Curso de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE – Revista de Administração de empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

MARZARI, Gabriela Quatrin; KADER, Yasmim Naif Amin Mahmud. Autonomia do aprendiz na aprendizagem de segunda língua. **Thaumazein: Revista Online de Filosofia**, v. 7, n. 14, p. 121-128, 2014.

PAIVA, Vera Lucia Menezes de Oliveira e. Autonomia e complexidade. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 9, n. 1, p. 77-127, 2006.

SALBEGO, Nayara Nunes; TUMOLO, Celso Henrique Soufen. **Autonomia na aprendizagem de línguas em EaD: percepção de alunos com relação ao desenvolvimento das quatro habilidades em inglês**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO SUPERIOR A DISTÂNCIA. 2014. p. 1820-1834.

SIMAS, Chaiany Nazário; DE JESUS COUTO, Leda Regina; SOUZA, Jamily Vasconcelos Caribé. **Aprendizagens em Língua Inglesa: estratégias e autonomia**. Claraboia, n. 15, p. 108-129, 2021.

TEIXEIRA, Patrícia Capelett. Habilidade de comunicação e autonomia no ensino de Língua Inglesa. **Temas & Matizes**, v.11, n. 21, p. 115-126, 2017.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. Aprendizagem de língua inglesa: das dificuldades à autonomia. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, v. 9, n. 33, p. 42-53, 2010.